

Joana Bouza Serrano

# A DUQUESA DE MÂNTUA

A princesa italiana que foi vice-rainha de Portugal

a esfera  dos livros

# ÍNDICE

Introdução . . . . .	11
I – ITÁLIA . . . . .	13
1. Margarida, princesa de Saboia . . . . .	15
2. «Nossa Margarida, a mais bonita do Mundo» . . . . .	23
3. Retratos de uma infância feliz. . . . .	27
4. O exemplo materno. . . . .	31
5. Projetos de casamento . . . . .	39
6. O casamento. . . . .	46
7. Memoráveis festejos. . . . .	51
8. De princesa a duquesa . . . . .	56
9. Meses dramáticos . . . . .	62
10. Regresso a Turim. . . . .	66
11. Guerra em Mântua . . . . .	71
12. Intrigas em Mântua . . . . .	76
13. Ao serviço do Rei Católico. . . . .	81
II – PORTUGAL. . . . .	87
14. Reino herdado, conquistado e comprado. O trágico fim da ilustre dinastia de Avis. . . . .	89
A jornada régia da sucessão a Portugal . . . . .	93

D. António, prior do Crato . . . . .	99
A jornada régia de 1619 . . . . .	102
15. De passagem por Madrid . . . . .	108
Filipe IV e Olivares . . . . .	109
16. O que a esperava em Lisboa . . . . .	115
17. A corte no Paço da Ribeira . . . . .	121
18. O governo da princesa Margarida . . . . .	127
19. A defesa do reino e do império . . . . .	131
A armada do Brasil . . . . .	131
A defesa do litoral . . . . .	133
A falta de pão em Lisboa . . . . .	136
20. Impostos e revoltas populares . . . . .	139
«Nunca alguém disse que vira matar a el-rey» . . . . .	140
A reação às revoltas populares . . . . .	143
21. Conflitos na corte . . . . .	146
22. Uma missão improvável . . . . .	154
23. O governador-geral das armas de Portugal . . . . .	158
24. A conjura . . . . .	167
25. O 1.º de Dezembro de 1640 . . . . .	172
26. A rainha de Portugal . . . . .	177
27. A conspiração contra D. João IV . . . . .	183
III – ESPANHA . . . . .	189
28. O regresso a Castela . . . . .	191
29. Na corte de Madrid . . . . .	200
Isabel de Bourbon . . . . .	201
Mariana de Áustria . . . . .	209
30. Os últimos anos . . . . .	213
Epílogo . . . . .	219
Nota final e agradecimentos . . . . .	222
Genealogia 1. . . . .	226

Genealogia 2. . . . .	227
Mapa 1 . . . . .	228
Mapa 2 . . . . .	229
Cronologia . . . . .	230
Lista de abreviaturas . . . . .	237
Notas. . . . .	238
Fontes . . . . .	255
Bibliografia. . . . .	259

## INTRODUÇÃO

Lisboa, 1 de dezembro de 1640

**A**o bater das nove horas da manhã nos sinos das igrejas, várias dezenas de fidalgos portugueses saem subitamente das carruagens onde se escondiam e dirigem-se ao Palácio Real.

Não tarda muito até que sejam bem-sucedidos na sua missão: proclamar o duque de Bragança como rei de Portugal.

A comoção fica ao rubro quando o cadáver do secretário Miguel de Vasconcelos é atirado pela janela, e a multidão que acorreu ao Terreiro do Paço corresponde, entusiasticamente, à aclamação do novo monarca.

Por entre as armas dos fidalgos e a exaltação popular, uma figura feminina assoma corajosamente à varanda do palácio, tentando travar o golpe de Estado que estava em vias de pôr fim a seis décadas de domínio castelhano. É a duquesa de Mântua, a princesa italiana involuntariamente convertida em protagonista de um dos momentos mais marcantes da História de Portugal.

Margarida de Mântua chegara a Lisboa em 1634, com a incumbência de governar o reino em nome de Filipe IV de Espanha.

A sua nomeação ocorrera num momento de crise marcado por revoltas populares, provocadas pelo aumento dos impostos e pelos constantes ataques ao império colonial português por parte dos inimigos da Monarquia Hispânica.

Nesses tempos conturbados, parecera a Filipe IV e aos seus conselheiros que a melhor decisão seria enviar para Lisboa alguém cuja lealdade não pudesse ser posta em causa: uma princesa de sangue real, prima do monarca e bisneta de duas infantas portuguesas, que crescera na corte de Saboia, embalada pelo mito do avô espanhol, o poderoso Filipe II, que reinara sobre o maior império que jamais existira.

Naquela manhã de dezembro de 1640, após seis anos de grande tensão política e social, Margarida de Mântua testemunhava os emotivos acontecimentos que comprovavam o falhanço do seu vice-reinado.

A personalidade voluntariosa da princesa, a sua persistente fidelidade ao rei de Espanha e o envolvimento em intrigas internacionais já lhe haviam valido a expulsão de Mântua, afastando-a da única filha.

Dois anos depois de assistir, impotente, ao desmoronar da União Ibérica construída pelo seu avô, a princesa Margarida regressaria a Madrid, para cair em pleno turbilhão das intrigas da corte, acelerando a demissão do todo-poderoso ministro de Filipe IV, o conde-duque de Olivares.

Na verdade, a independência de Portugal foi, para Margarida de Mântua, mais um episódio marcante num percurso de vida deveras singular.